

## **O AGRONEGÓCIO DAS FLORES NA IBIAPABA/CE: papel do Estado e atuação do grande capital**

Kassia Kiss Silva da Costa<sup>1</sup>

Leandro Vieira Cavalcante<sup>2</sup>

### **Resumo**

A produção de flores em grande escala no Ceará iniciou-se precisamente em 1999 com a instalação da primeira empresa produtora de rosas na região do Planalto da Ibiapaba, oeste cearense, denotando o início do chamado “agronegócio das flores” no estado. Infere-se que foi somente a partir de incentivos governamentais (fiscais, financeiros e infraestruturais) que o Ceará passou a se destacar na produção de flores, denotando a grande relevância do papel do Estado para a expansão dessa atividade sobretudo na Ibiapaba. Nesse sentido, objetivamos aqui compreender e caracterizar a expansão do agronegócio das flores no Planalto da Ibiapaba/CE, além de destacar brevemente o papel do Estado no desenvolvimento dessa atividade na região e de investigar a atuação do grande capital mediante análise da territorialização das principais empresas do setor.

**Palavras-chave:** Agronegócio das flores, Papel do Estado, Territorialização do capital.

### **Introdução**

A reestruturação produtiva da agricultura vem alterando as formas de cultivo agrícola e denotando a expansão do capitalismo no campo, reorganizando os modos de uso do território e reconfigurando as relações sociais de produção, como demonstrado por autores como Delgado (1985), Silva (1998), Elias (2003, 2007) e Thomaz Jr (2005). Dentre os novos cultivos que atualmente passam por esse processo de reestruturação produtiva destacamos especialmente o de flores, que apresenta uma importante dinamização, sendo produzidas em novos locais e com uma utilização cada vez maior de novas tecnologias que anteriormente não se faziam presente neste cultivo. Todavia, no Brasil essa atividade não é recente, haja vista que há viveiros quase seculares, mas apresentando um grande impulso sobretudo nas últimas décadas.

Kämpf (1997) assegura que até a década de 1950 a atividade de floricultura tinha pouca expressão econômica e usava tecnologias simples. Porém, destaca o autor, houve a necessidade de uma produção em escala maior, para atender sobretudo a crescente demanda

---

<sup>1</sup> Universidade Estadual do Ceará. E-mail para contato: [kassia\\_kiss93@hotmail.com](mailto:kassia_kiss93@hotmail.com)

<sup>2</sup> Universidade Estadual do Ceará. E-mail para contato: [leandro.cavalcante@hotmail.com](mailto:leandro.cavalcante@hotmail.com)

urbana, dando origem aos primeiros polos de produção de flores e de plantas ornamentais no Brasil, como o de Holambra/SP, estudado por Kahil (1997). Muitas foram as mudanças no modo de produzir flores no país, a partir da inserção da tecnologia, da ciência e da informação ao seu processo produtivo, a exemplo do uso constante de grandes estruturas para a produção de flores em estufas, do melhoramento das sementes, que são modificadas para se adaptarem a certos climas e regiões, da forte presença de câmaras frias, voltadas o armazenamento, caminhões refrigerados para o transporte etc.

Com isso, foi-se possível expandir a produção de flores para outras regiões do Brasil, a exemplo do Planalto da Ibiapaba, localizada no oeste do Ceará, que atualmente abriga algumas grandes empresas especializadas no cultivo, comercialização e exportação de flores. Infere-se que a produção de flores realizada em larga escala no Ceará foi iniciada apenas a partir do final da década de 1990, quando essas grandes empresas se instalam em território cearense e passam a difundir o chamado “agronegócio das flores”, contando com importantes aportes de capital e tecnologia e com políticas públicas estatais voltadas exclusivamente para atender as necessidades do setor. A produção de flores em grande escala no Ceará iniciou-se precisamente em 1999 com a instalação da primeira empresa produtora de rosas no Planalto da Ibiapaba, a Cearosa. Infere-se que foi somente a partir dos pesados incentivos governamentais (fiscais, financeiros e infraestruturais) que o Ceará passou a se destacar na produção de flores, denotando a grande relevância do papel do Estado para a expansão dessa atividade sobretudo na Ibiapaba.

Dentre as principais políticas públicas estatais voltadas para a dinamização da fruticultura na região, destacamos: Programa Setorial Integrado de Promoção das Exportações de Flores e Plantas Ornamentais – Flora Brasilis; Projeto Centro Agroflores de Inovação Tecnológica; Projeto Caminhos de Israel e Projeto Flores do Ceará. Através dessas políticas, dentre outras, o Governo do Estado do Ceará incentivou diretamente a atração de empresas e participou ativamente visando dotar o território dos atributos necessários à territorialização do capital no campo, reafirmando o caráter burguês do Estado voltado para atender às necessidades do grande capital à despeito dos anseios gerais da população camponesa, como ressaltado por Gonçalves Neto (1997) e Mazzeo (2015).

Com uma produção inicialmente voltada para atender os mercados de flores da Europa e dos Estados Unidos, através do cultivo sobretudo de rosas (AGROPOLOS, 2013), as empresas que se instalaram na Ibiapaba foram: Grupo Reijers, Flora Fogaça, Grupo Swart e

Cearosa, provenientes de São Paulo e do Rio Grande do Sul. A territorialização dessas empresas e a difusão do agronegócio das flores na região vem contribuindo sobremaneira para a expansão do capitalismo na Ibiapaba, caracterizada especialmente pela forte presença da agricultura camponesa voltada para a produção hortifrutícola, trazendo rebatimentos em todas as escalas de análise, sobretudo quando observamos o caráter excludente, perverso e contraditório resultante do pacto estabelecido entre capital e Estado.

Desse modo, com este trabalho, objetivamos compreender e caracterizar a expansão do agronegócio das flores no Planalto da Ibiapaba/CE, além de destacar brevemente o papel do Estado no desenvolvimento dessa atividade na região e de investigar a atuação do grande capital mediante análise das principais empresas do setor. Infere-se que a pesquisa aqui destacada advém do trabalho de conclusão de curso de Costa (2016), apresentado ao curso de graduação em Geografia da Universidade Estadual do Ceará<sup>3</sup>, contando inicialmente com bolsa do CNPq. Essa pesquisa buscou investigar a organização dos circuitos espaciais da produção de flores da região da Ibiapaba, onde apresentamos todas as etapas pelas quais passa esse circuito espacial produtivo, o que incluiu uma caracterização das principais empresas do setor, aqui ressaltadas.

Para atingir os objetivos propostos com essa investigação, recorreremos aos seguintes procedimentos metodológicos: a) levantamento e leitura de material bibliográfico, que baseou-se na reunião de diversos trabalhos com temas direta ou indiretamente relacionados à pesquisa; b) levantamento e organização de pesquisa documental, se deu com a busca de materiais em órgãos públicos, a exemplo das políticas públicas voltadas para o setor; c) levantamento e organização de séries estatísticas de variáveis e indicadores de interesse para a pesquisa, como produção e exportação de flores; d) organização de uma hemeroteca, agregando matérias sobre o agronegócio das flores obtidas nos sites dos principais jornais do estado do Ceará, como Diário do Nordeste, O Povo e Tribuna do Ceará; e) realização de trabalhos de campo em municípios do Planalto da Ibiapaba, com destaque para São Benedito, mediante entrevistas semiestruturadas e visitas à todas grandes empresas de produção de flores instaladas na região.

### **Modernização e organização da produção de flores no Brasil**

---

<sup>3</sup> Sob orientação de Camila Dutra dos Santos, professora doutora do curso de Geografia da UECE.

Com o crescimento das cidades, associado à falta de espaços para cultivo de flores, ao aumento da população e à maior procura por esses produtos, a produção de flores e plantas ornamentais deixou de ser realizada apenas nos jardins de casas e passou a ser cultivada em larga escala, denotando os primórdios do que viria se tornar o chamado “agronegócio das flores”. Com isso, muitas foram as mudanças na maneira de se produzir flores no país, onde passou-se a investir cada vez mais na aquisição e adaptação de insumos químicos e mecânicos para esse cultivo, associado à maior presença da ciência no desenvolvimento de novas variedades e processos produtivos, reestruturando por completo o setor. Uma das mudanças foi o uso mais constante de estruturas modernas na produção, voltadas principalmente para elevar a produtividade e possibilitando cultivar flores nas mais distintas condições geoambientais, como na região Nordeste, anteriormente quase que impossível.

De um modo geral, há três maneiras de se produzir flores: em campo aberto, telado e estufa. Campo aberto é quando as plantas são cultivadas em uma área aberta, expostas ao sol e ao vento. Telado é uma estrutura composta de tela, que reduz a insolação dentro do ambiente, quanto mais fechada for a tela, menos luz passa. A estufa é uma estrutura de plástico, que permite a entrada de luz solar, mas bloqueia a água da chuva e o vento. Essas três formas de produção podem ser utilizadas em uma mesma área, dependendo das espécies que são cultivadas e das condições da região em que são instaladas. Com a reestruturação do setor, nota-se uma expansão significativa do uso de estufas para a produção de flores.

Outra inovação que passou a ser utilizada no setor foi o melhoramento das sementes, que são modificadas para se adaptarem a certos climas e regiões, favorecendo a expansão do agronegócio das flores por todo o país. As sementes são melhoradas por laboratórios estrangeiros, destacando-se os franceses e holandeses, que desenvolvem espécies de flores, principalmente rosas, com cores, aromas, textura das pétalas diferenciadas, e até mesmo talos sem espinhos. Com isso, há uma mudança considerável no mercado de flores no país, favorecendo um aumento da procura por esses produtos e alavancando a produção, a partir do melhoramento das sementes. Também percebemos nas regiões de produção de flores a presença de novos sistemas de irrigação, por gotejamento e microaspersão, que garantem essa produção em diversos lugares antes imagináveis para o cultivo de flores, como já destacado.

Há ainda uma expansão das áreas de produção com a presença de câmaras frias, voltadas para o armazenamento das plantas, e de caminhões refrigerados para o transporte das flores, pois são produtos perecíveis, que requerem temperaturas específicas, expandindo o

tempo de validade desses produtos e fazendo com que os mesmos cheguem com maior qualidade ao consumidor final. Os produtores passaram a investir também em *marketing*, promovendo seus produtos principalmente em datas comemorativas, como o dia dos namorados, dia das mães, natal e dia da secretária, que são as datas em que a procura por flores aumenta, dinamizando a produção e ampliando os investimentos no setor.

Parte da tecnologia, dos insumos químicos e das embalagens são importadas para o Brasil de países que já possuem tradição no cultivo de flores e plantas ornamentais, como a Holanda, o Japão e os Estados Unidos. Essas inovações na produção de flores também influenciaram o modo de produzir no Brasil, haja vista que hoje as áreas de produção das grandes empresas fazem uso do que há de mais moderno no setor, refletindo a reestruturação pela qual passa o cultivo de flores no país. Observa-se, com isso, que ao longo do tempo a forma de cultivo de flores mudou, tendo a inserção de novas tecnologias, mas não somente, contribuindo para reestruturar o setor. Infere-se que essas tecnologias são advindas principalmente de países que se destacam na produção mundial, o que torna os insumos caros e praticamente inacessíveis para a maioria dos pequenos produtores brasileiros, que acabam entrando em desvantagem diante do poderio das grandes empresas.

Como já destacado, a floricultura não é uma atividade nova no Brasil, haja vista que há viveiros quase seculares em território brasileiro (KÄMPF, 1997), sendo o marco inicial a construção do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, em 1808, por D. João VI, com o propósito de introduzir plantas exóticas no país (LIRA FILHO et al., 2001). Além disso, há registros que em 1893, os alemães Dierberger começaram a produzir novas espécies de flores, em São Paulo. De lá saíram os irmãos Boettcher, que foram empregados dos Dierberger até 1929 e iniciaram o próprio negócio com a produção de rosas na Fazenda Roselândia em Cotia. Esses foram os pioneiros na produção de rosas e no investimento em estratégias de marketing voltadas para a comercialização de seus produtos, pois promoviam festas anuais das rosas e deixavam expostas as flores na entrada das fazendas, visando estimular o consumo desses produtos.

Até a década de 1950, a atividade de floricultura tinha pouca expressão econômica e usava tecnologia simples. Houve a necessidade de uma produção em escala maior, para atender a demanda urbana, que já não se conseguia mais produzir flores para consumo próprio. É somente a partir da década de 1950 que começam a surgir importantes polos de produção de flores e de plantas ornamentais no Brasil, como em Pernambuco e Holambra,

interior de São Paulo. Por sua vez, em 1969, inaugura-se o Mercado de Flores na Companhia de Entrepósitos Gerais de São Paulo (CEAGESP), significando um grande incentivo para o setor. É nesse período que a produção e o consumo de flores passa a ser bastante dinamizada no Brasil, segundo afirmam Aki e Perosa (2002), ampliando a quantidade de produtores e expandindo as áreas de produção de flores.

Já em 1972 surge na cidade de Holambra, por iniciativa de imigrantes holandeses, a Cooperativa Agropecuária Holambra - CAPH, que ampliou a relação entre produtores e comerciantes, estimulando o consumo de flores. A criação desta cooperativa tornou-se um marco no crescimento do setor da floricultura no Brasil, segundo destacado por Aki e Perosa (2002). Com o aumento da produção e comercialização, em 1989, a CAPH instala um sistema holandês de leilão, chamado *Veiling*. Embora o *Veiling* de Holambra não dispondo da mesma infraestrutura daquele da Holanda, conta com atualmente com aproximadamente 280 associados, comercializando diariamente mais de mil tipos de plantas e flores, e promovendo embarques regulares para Holanda, Estados Unidos e Portugal (OLIVEIRA; BRAINER, 2007).

Segundo Aki e Perosa (2002), a produção de flores na década de 1990 pode ser dividida em dois momentos. O primeiro diz respeito à consolidação da região Sul como um importante polo produtor. Já o segundo momento corresponde à segunda metade da década de 1990, com a consolidação da produção no Nordeste e Centro-Oeste, através do fortalecimento do mercado das flores tropicais, das orquídeas, das mudas para reflorestamento e dos lírios. As regiões e os estados começaram a especializar-se em determinados tipos de produtos.

Minas Gerais e Pernambuco ficaram com flores de corte. Alagoas, Bahia, Ceará e Pernambuco dominaram as tropicais. Santa Catarina e Goiás fecharam com o paisagismo. Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul pegaram as forrações, ficando São Paulo com a comercialização e a produção de flores em vaso (AKI; PEROSA, 2002, p. 15).

Com a chegada dos anos 2000, há um crescimento do setor de flores tropicais, somando-se ao incentivo do Governo voltado para a exportação desses produtos, apesar do foco da produção nacional ser o mercado interno. No Brasil, os produtores de flores são predominantemente pequenos produtores, mas existem empresas que possuem um número considerável de empregados, com maior acesso às tecnologias, produzindo nos moldes do agronegócio globalizado. De acordo com os dados do Instituto Brasileiro de Floricultura

(Ibraflor)<sup>4</sup>, estima-se que em 2014 o Brasil possuía cerca de 8.248 produtores, e uma área cultivada de cerca de 14.992 hectares, cultivando mais de 350 espécies e 3.000 variedades, com tamanho médio das propriedades de 1,8 hectares.

Atualmente, o estado que mais se destaca na produção de flores é São Paulo, com a maior concentração de produtores do país, com 2.288 produtores em 2014, que representa 28% do total, seguido por Rio Grande do Sul, com 1.550, e Rio de Janeiro, com 1.030 produtores. Em São Paulo essa produção é praticada em quase todo o estado, sendo que as microrregiões que mais se destacam são: Holambra, Atibaia, Mogi das Cruzes e Ibiúna (NEVES; ALVES PINTO, 2015). O Nordeste também tem se destacado na produção de flores nos últimos anos, uma vez que a atividade de floricultura existe em todos os estados da região, como afirmado por Oliveira e Brainer (2007, p. 77), com destaque para Alagoas, Bahia, Pernambuco e Ceará, que são os estados de maior desempenho na floricultura nordestina.

### **Agronegócio das flores no Ceará e atuação do Estado**

Foi apenas no final dos anos 1990 que a produção de flores passou a se destacar no estado do Ceará, denotando a expansão do agronegócio nesse setor. Apesar disso, de acordo com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas - Sebrae (2005), a história da floricultura no Ceará pode ser dividida em quatro fases distintas. A primeira fase, que vai de 1919 a 1921, marca o início dessa atividade, quando as principais espécies cultivadas eram rosa, dália, hydrangea, nephrolepsis e flores tropicais, produzidas apenas nas proximidades de Fortaleza. No intervalo dessa primeira fase para a seguinte, a publicação do Sebrae (2005, p. 04) ressalta que a floricultura cearense registrou um avanço muito tímido, apenas acompanhando o crescimento gradativo do mercado interno, uma vez que toda a produção estava centralizada principalmente em duas famílias de produtores de origem estrangeira.

A segunda fase, que vai de 1970 a 1980, é marcada pela expansão do plantio de flores em áreas fora de Fortaleza, especialmente na região da Serra de Baturité, nos municípios de Baturité, Guaramiranga e Pacoti, com a produção realizada basicamente nos sítios Flora Tropical, Floricultura Guaramiranga e Sítio Vale das Rosas, como afirmado por Rocha (2006, p. 74). Produziam-se principalmente rosas, flores tropicais, gypsophila e gérbera, entre

<sup>4</sup> Disponível em: <http://www.ibraflor.com/>.

outros, sendo que a produção se destinava a atender notadamente um mercado varejista que estava começando a ser criado, conforme relatado na publicação do Sebrae (2005).

A terceira fase da produção de flores no Ceará, que vai de 1994 a 1996, marca o início dos primeiros cultivos em estufas, de rosas, na empresa Agropecuária Jereissati, no Sítio Arvoredo, no município de Pacoti, como demonstrado por Rocha (2006) – empresa essa de propriedade do ex-governador do Ceará, Tasso Jereissati, um dos pioneiros a investigar no agronegócio das flores no estado. Ainda sobre essa fase, Oliveira e Brainer (2007, p. 44) afirmam que a partir de 1994 iniciaram-se os cultivos com a utilização de tecnologia mais avançada, incluindo estufas, com a produção voltada à exportação. Outras áreas também se destacam nesse período, conforme a publicação do Sebrae (2005, p. 04):

O início dos primeiros cultivos em estufas, de flores de corte e em vaso, tendo como exemplo a empresa Naturalis Tropicus, localizada em Maranguape/CE, e vários produtores da Serra de Baturité; e de projetos voltados para a exportação, como é o caso da Quinta das Flores, em Paracuru, com a Ananas.

Por fim, a quarta fase, que vai de 2000 a 2006, se estendendo até o presente, é marcada pela instalação de grandes projetos de produção de flores, localizados principalmente na Serra da Ibiapaba, com destaque para as empresas Cearosa e Reijers. Nessa última fase tem-se o destaque do papel do Estado no incentivo à expansão da produção de flores no Ceará, sobretudo mediante o incentivo à instalação de empresas produtoras de rosas na região da Ibiapaba, alavancando a quantidade produzida e as exportações de flores no estado. Pode-se afirmar que foi através da intervenção direta do Estado que o Ceará passou a despontar com um dos principais produtores e exportadores do país.

Nesse sentido, segundo Silva (2006), o Governo do Estado do Ceará implementou várias políticas de incentivo à floricultura. Em 1998, cria-se o Programa Cearense de Agricultura Irrigada - PROCEAGRI, o primeiro apoio à atividade, e que tinha como objetivo estimular produções em áreas com potencial de irrigação, como a fruticultura, horticultura e floricultura. É também nesse período que se tem a criação da Secretaria de Agricultura Irrigada - SEAGRI, e dentro dessa Secretaria, a Gerência de Floricultura, que deu suporte ao setor. Por sua vez, de acordo com Rocha (2006), em 2000 cria-se o Programa Pró-Flores, o qual impulsionou a produção de flores no Ceará. O principal objetivo deste programa era encontrar áreas propícias para a produção de flores, para motivar empresas a se instalarem no Ceará e impulsionar as exportações desse produto.



Outro projeto do Governo Estadual para promover as flores do Ceará foi a criação de duas marcas, “Rosas do Ceará” e “Flores do Ceará”, visando impulsionar as estratégias de marketing para o setor e atrair investidores. Essas marcas, criadas diretamente pelo Governo do Estado, significaram para a floricultura cearense reconhecimento da produção nos países importadores de flores do Ceará. Em 2002, é fundado o Instituto Agropolos do Ceará, uma organização sem fins lucrativos, porém vinculada ao Estado, voltada para fortalecer as cadeias produtivas do agronegócio cearense, prestando assistência técnica e extensão rural aos produtores do estado. Atualmente, o Agropolos é uma das principais instituições que fornecem dados da floricultura cearense e também coordena o Projeto Flores do Ceará.

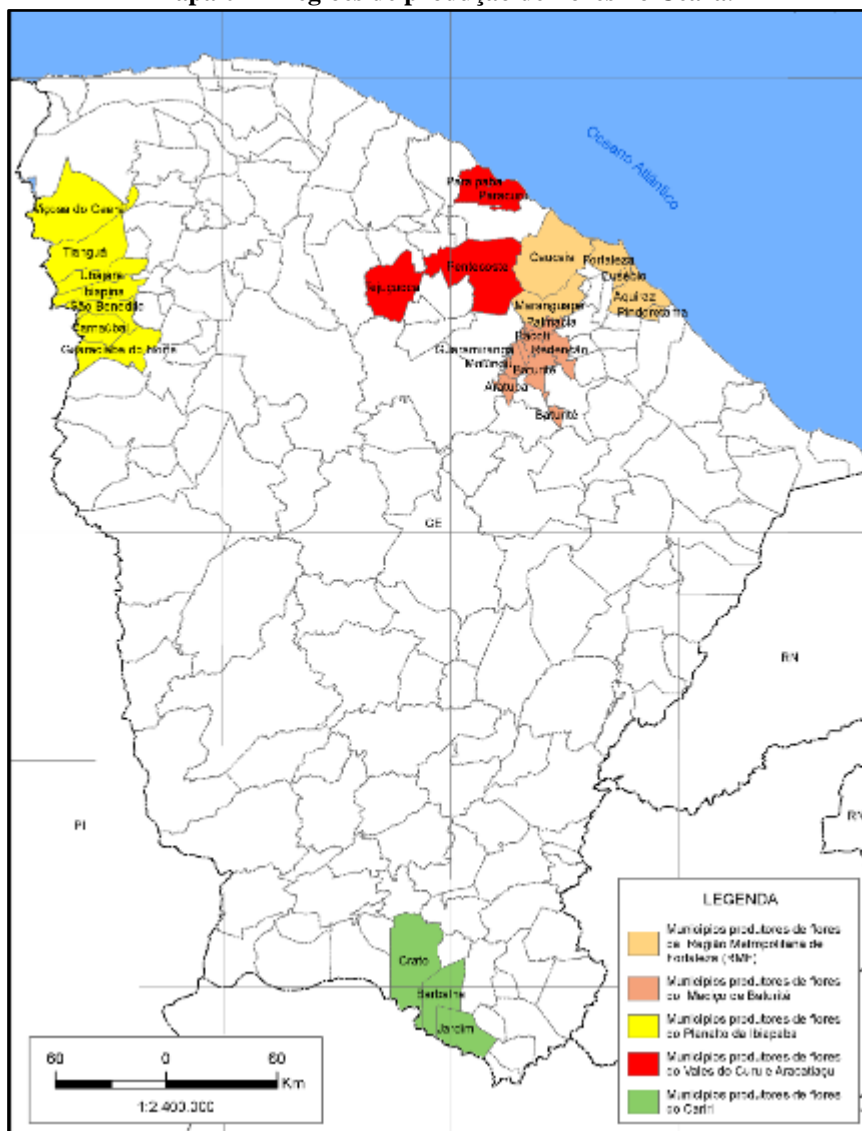
Segundo Silva (2006), outros programas e projetos foram desenvolvidos no Ceará e contribuíram para a dinamização da produção de flores: O Programa Setorial Integrado de Promoção das Exportações de Flores e Plantas Ornamentais – Flora Brasilis; o Projeto Centro Agroflores de Inovação Tecnológica; o Projeto Caminhos de Israel; e o Projeto Flores do Ceará. Especificamente o Projeto Flores do Ceará, atualmente executado e coordenado pelo Instituto Agropolos, foi criado à época da Secretaria da Agricultura Irrigada para organizar, coordenar e promover o desenvolvimento da incipiente floricultura do estado, monitorando o setor e promovendo capacitações para os produtores (AGROPOLOS, 2013, p. 16).

Além do Agropolos, outro órgão que atua na dinamização do setor é a Agência de Desenvolvimento do Ceará (ADECE), criada pelo Governo do Estado com a finalidade de executar as políticas e diretrizes oriundas da Secretaria do Desenvolvimento Econômico, sendo composta pelas chamadas câmaras setoriais, o que inclui a floricultura. A Câmara Setorial das Flores atualmente é o principal instrumento de articulação entre a iniciativa privada e o Estado. A ADECE e a Câmara Setorial das Flores têm papel de destaque na dinamização da floricultura no Ceará, demandando as políticas públicas a ser implementadas pelo Estado e organizando os principais eventos voltados à promoção do setor.

Com isso, o estado do Ceará passou a se destacar no agronegócio de flores, mormente nas últimas duas décadas, por apresentar condições favoráveis para o desenvolvimento dessa produção, como solo e clima, associado à política de incentivos para atração de grandes empresas, o que alavancou a produção cearense. Atualmente são identificadas cinco áreas de produção de flores no Ceará: Região Metropolitana de Fortaleza, Maciço de Baturité, Cariri, Vales do Curu e Aracatiaçu e Planalto da Ibiapaba. No mapa seguinte pode-se notar a localização dessas cinco distantes áreas de produção de flores. De todas as regiões que

produzem flores no estado, o destaque vai principalmente para o Planalto da Ibiapaba (em destaque amarelo no mapa), a maior produtora e a que concentra o maior número de grandes empresas, e conseqüentemente é também a região que concentra o maior número de empregos formais no setor, como será ressaltado na seqüência.

**Mapa 01 – Regiões de produção de flores no Ceará.**



Fonte: Agropolos (2013). Base cartográfica: IBGE (2010).  
 Organização: Kassia Costa (2016). Projeto Cartográfico: Jarllys Lima (2016).

## Panorama da produção de flores na Ibiapaba

A região da Ibiapaba é uma das principais regiões de produção de flores e plantas ornamentais do Ceará, como já destacado, e abriga as maiores empresas do setor instaladas no estado, como Cearosa, Reijers, Flora Fogaça e Swart. Essa região possui relevo plano, adequado para instalação de estufas, e principalmente um clima favorável para a produção de flores, cuja temperatura média varia entre 22 e 26°C, fatores que também fizeram muitas empresas de flores a migrarem para a Ibiapaba, sempre associado aos incentivos que receberam do Estado. Nesse sentido, Gomes et al. (2013, p. 3546) evidenciam o contexto geoambiental dessa região, uma serra úmida, contrastando com as demais unidades ambientais que predominam no sertão cearense. Segundo esses autores,

Apesar do contraste existente entre as serras e os sertões não apenas no tocante à topografia do relevo, mas também às conotações mais amplas do ponto de vista ecológico e do uso da terra, as características morfoclimáticas das serras não se assemelham às condições predominantes nos sertões.

O principal produtor de flores dessa região é São Benedito, conhecido como a “cidade das flores”, onde estão instaladas as maiores empresas do estado. Além desse, destacam-se também os municípios de Carnaubal, Guaraciaba do Norte, Ibiapina, Tianguá, Ubajara e Viçosa do Ceará (mapa 01). As principais espécies produzidas na região são rosas, folhagens e plantas ornamentais. No quadro seguinte indicamos todos os municípios produtores de flores dessa região, além do número de produtores, área cultivada em hectares, e os principais produtos florais do ano de 2013.

**Quadro 01 – Produção de flores na Ibiapaba/CE - 2013**

Municípios produtores	Número de produtores	Área Cultivada (ha)	Produtos cultivados
São Benedito	11	53,33	rosas, crisântemos, gypsophila, tango, áster, lisianthus, gladiólos, gérberras, boca de leão, lírios, outras temperadas de corte, samambaias, murtas, cipestres, avencão, outras folhagens, plantas ornamentais
Tianguá	1	15,70	rosas, gérberras, áster, tango, aspargos, crisântemos e plantas ornamentais
Ubajara	4	27,30	rosas, crisântemos e plantas ornamentais
Viçosa do Ceará	2	0,42	plantas ornamentais, crisântemo em vaso, adenium, flores tropicais, folhagens e suculentas
Guaraciaba	1	0,04	plantas ornamentais

Carnaubal	1	5,00	áster, tango e angélica
Ibiapina	1	0,50	plantas ornamentais
Total	21	102,29	-

Fonte: Agropolos (2013). Elaboração: Kassia Costa (2016).

Essa região concentra grandes empresas, como será destacado na sequência, mas comporta também pequenos produtores, que cultivam principalmente plantas ornamentais. As grandes empresas, principalmente de rosas, estão localizadas nos municípios de Ubajara e São Benedito, que são as duas cidades que mais se destacam na produção de flores, notadamente São Benedito. Essas empresas costumavam exportar seus produtos para países como Holanda, Alemanha, Portugal e Estados Unidos, mas a partir de 2013 passaram a atender apenas ao mercado interno, diante da grande demanda do mercado nacional e da crise econômica que freou as exportações.

Em São Benedito, além de se localizar as principais empresas instaladas na região, encontra-se também a Escola de Floricultura do Ceará - Tecflores, a única escola do estado voltada exclusivamente para a formação de profissionais para atuar no setor da floricultura, inaugurada em 2006. A Tecflores inicialmente foi coordenada pela SEAGRI, porém, desde 2008, está sob a coordenação do Instituto Agropolos. O objetivo geral da instituição é capacitar os filhos de agricultores rurais, que estejam cursando o ensino médio, preparando estes jovens no cultivo de flores, folhagens e plantas ornamentais (AGROPOLOS, 2013). A concepção da Tecnoflores demonstra a incisiva atuação do Governo do Estado do Ceará na promoção do setor da floricultura, atuando também na formação de trabalhadores para atuar nas grandes empresas.

### **Grande capital e agronegócio das flores na Ibiapaba**

O projeto de atração de empresas orquestrado pelo Governo do Estado do Ceará culminou com a instalação de quatro grandes empreendimentos voltados para a produção de flores em larga escala na Ibiapaba: Cearosa, Reijers, Flora Fogaça e Swart. São empresas, originadas do Sul e Sudeste do país, que se instalaram na região a partir dos incentivos fiscais e da infraestrutura ofertada pelo Estado. Elas são as principais representantes do modo como age o grande capital no setor, mediante a territorialização da lógica produtivista do

agronegócio no campo, voltado para a acumulação de capital através da exploração do trabalho e dos recursos naturais, como água e terra.

A Cearosa<sup>5</sup> foi a primeira empresa a se instalar na região da Ibiapaba. Fundada em 1999, está instalada no distrito de Inhuçú em São Benedito. O proprietário da empresa atuava no ramo de calçados, mas seu pai era produtor de flores no interior do Rio Grande do Sul, e viu no Ceará a oportunidade de produzir rosas, dando continuidade ao trabalho da família. Segundo informações obtidas em campo, a empresa conta com 70 hectares, sendo 13 hectares para produção de rosas em estufas, divididas em 12 blocos. Tem na produção de rosas o carro-chefe da empresa. Também compra flores as quais não cultiva com pequenos produtores e com a empresa Flora Fogaça, que fornece tango e crisântemo. A empresa conta com 160 trabalhadores na fazenda e 15 na distribuidora em Fortaleza.

Em cada estufa utilizada na produção de rosas atuam em média quatro pessoas, a depender da variedade, algumas até com cinco pessoas, no período de alta produção. A temperatura das estufas é controlada por termômetros, e são usados hormônios de crescimento nos botões das rosas. A produção ocorre durante todo o ano. Depois de colhidas, são encaminhadas para o pós-colheita, aonde as etapas são semelhantes da empresa Reijers, e também armazenadas em câmaras frias. A Cearosa trabalha com um tipo de rosa, que eles classificam de Top Qualiti (TQ), que possuem o tamanho do botão maior do que as outras rosas e o tamanho da haste a partir de 60 centímetros.

---

<sup>5</sup> As informações referentes a Cearosa foram obtidas através de entrevista com a coordenadora geral da empresa, durante trabalho de campo realizado em dezembro de 2014, em São Benedito.

**Figura 01 - Produção de rosas da empresa Cearosa em São Benedito – CE.**



Fonte: Leandro Cavalcante e Kassia Costa (2014).

O Grupo Reijers<sup>6</sup>, por sua vez, tem origem holandesa, mas os donos são paulistas, da cidade de Holambra, sendo que a família é toda envolvida no setor das flores. Iniciou sua produção em Holambra em 1972, com a produção de rosas e cravos, e é atualmente composto por 11 fazendas independentes, localizadas nos estados de Minas Gerais (Itapeva e Andradas), São Paulo (Holambra, Pinhal e Santo Antônio da Posse) e Ceará (São Benedito e Ubajara). Instalou-se em 2001 no Ceará, em São Benedito, e três anos depois inaugurou outra fazenda na cidade de Ubajara, às margens do Açude Jaburu. A Reijers se trata da maior empresa de produção de flores instalada no Ceará, tanto em quantidade produzida quanto em hectares ocupados e trabalhadores empregados.

---

<sup>6</sup> As informações referentes a Reijers foram obtidas através de entrevista com o gerente de infraestrutura e irrigação da empresa, durante trabalho de campo realizado em dezembro de 2014, em São Benedito.

**Figura 02 - Empresa Reijers em Ubajara – CE.**



Fonte: Grupo Reijers<sup>7</sup>, 2016.

A Reijers de São Benedito ocupa 30 hectares, o volume da produção mensal é de 1 milhão e 500 mil botões de rosas, já a Reijers de Ubajara conta com uma área de 125 hectares, sendo 15 hectares em produção. A empresa conta com a produção de mais de 50 variedades de flores, sendo os principais produtos cultivados: rosas, gypsófila, tango, crisântemo e gérbera. Segundo consta no site da empresa<sup>8</sup>, hoje o grupo é o maior produtor de rosas em estufa do Brasil, e o primeiro a produzi-las em escala comercial. Já de acordo com informações obtidas em campo, há 335 trabalhadores atuando nas unidades instaladas na Ibiapaba, exercendo funções de vão do plantio ao empacotamento das flores.

A produção dessa empresa é realizada em estufas, numeradas e identificadas com o nome do trabalhador responsável por cada lote. Depois de colhidas, as rosas são transportadas para tanques de hidratação, levadas para o que chamam pós-colheita, onde são limpas, selecionadas, embaladas e armazenadas em câmaras frias. A Reijers compra de pequenos produtores da região, que são fornecedores fixos da empresa, fornecendo variedades que a empresa não produz.

Já a Flora Fogaça<sup>9</sup> foi fundada em 2004, sendo originada do município de Campinas, interior de São Paulo, e foi uma das empresas convidadas pelo Governo do Estado a produzir

<sup>7</sup> Disponível em: <http://www.lovelyred.com.br/>.

<sup>8</sup> Disponível em: <http://rosasreijers.com.br/>.

<sup>9</sup> As informações referentes a Flora Fogaça foram obtidas através de entrevista com o gerente de vendas da empresa, durante trabalho de campo realizado em dezembro de 2014, em São Benedito.

flores no Ceará. A empresa possui quatro fazendas na região da Ibiapaba, ocupando no total de 30 hectares, cultivando 33 variedades de crisântemos, como também rosas, samambaias, lírios e ramagens variadas, gerando 93 empregos diretos. Diferentemente das outras empresas, que produzem em estufas, a produção da Flora Fogaça é realizada em campo aberto. O sistema de irrigação é de gotejamento. Um destaque dessa empresa é a plantação de folhagens, como a samambaia, que complementa os buquês de flores.

**Figura 03 - Produção da empresa Flora Fogaça em São Benedito – CE.**



Fonte: Leandro Cavalcante e Kassia Costa (2014).

O Grupo Swart, por fim, teve início com a imigração de produtores holandeses para o Brasil após a Segunda Guerra Mundial, os quais se instalaram em Holambra, formando uma colônia agrícola, de acordo com o site Ateliê da Notícia<sup>10</sup>. Parte desses migrantes iniciou o cultivo de flores para a sobrevivência de suas famílias. Em 1970, o patriarca da família escolheu os gladiólos para se lançar no mercado de flores. Seus filhos entraram no negócio da floricultura em 1984 com o cultivo de cymbidium, se voltando, mais tarde, para a produção de kalanchoes. Com a expansão dessa produção, foi instalada uma segunda unidade produtiva em Holambra em 1996, ampliando o grupo produtor de flores.

Em 2003, o Grupo Swart amplia sua área produtiva se instalando no Ceará, e escolhendo Ubajara para sediar uma nova e moderna unidade de produção de rosas, ocupando

<sup>10</sup> Disponível em: <http://www.ateliedanoticia.com.br>.



uma área de 7 hectares. De acordo com o site da empresa<sup>11</sup>, hoje o grupo possui quatro unidades produtivas, duas instaladas em Holambra, uma em Andradas (MG) e outra em Ubajara. O Grupo gera cerca de 290 empregos diretos nas quatro unidades produtoras, e produz aproximadamente 16 milhões de hastes de rosas, além de quase 6 milhões de vasos e cerca de 38,5 mil maços de kalanchoes de corte por ano. Ainda de acordo com o Ateliê da Notícia, toda a produção de rosas passa por um refinado tratamento de pós-colheita, objetivando a longevidade do produto, além de cuidados com o armazenamento e transporte adequado de produtos.

**Figura 04 - Unidade produtora do Grupo Swart em Ubajara – CE.**



Fonte: Grupo Swart<sup>12</sup>, 2016.

Infere-se que atualmente essas quatro empresas produtoras de flores instaladas na Ibiapaba têm suas vendas voltadas para o mercado interno, principalmente para o município de Holambra, que compra grande parte da produção realizada no Ceará. No quadro 02, abaixo, apresentamos uma síntese das características dessas quatro maiores empresas produtoras de flores na Ibiapaba. Chama atenção, ademais, o fato de que todas elas se instalaram na região entre os anos 1999 e 2004, que coincide com as políticas implementadas pelo Governo do Estado para a atração desses empreendimentos, que se territorializaram na Ibiapaba visando unicamente usufruir das benesses ofertadas pelo Estado e ampliar suas capacidades de acumulação de capital, mediante a expansão do agronegócio das flores em um local que não tinha tradição alguma nessa atividade.

<sup>11</sup> Disponível em: <http://www.swart.com.br/grupo-swart.html>.

<sup>12</sup> Disponível em: <http://www.swart.com.br/grupo-swart.html>.

**Quadro 02 - Características das maiores empresas produtoras de flores instaladas na Ibiapaba (2014).**

Empresa	Ano de instalação na Ibiapaba	Localização na Ibiapaba	Origem	Número de empregos na Ibiapaba	Área ocupada (ha) na Ibiapaba	Área cultivada (ha) na Ibiapaba	Produtos cultivados na Ibiapaba
Cearosa	1999	São Benedito	Rio Grande do Sul	160	70	13	Rosas, gérberas
Reijers	2001	São Benedito e Ubajara	Holambra, São Paulo	335	155	45	Rosas, gypsófila, tango, crisântemo e gérbera
Flora Fogaça	2004	São Benedito	Campinas, São Paulo	93	–	30	Crisântemos, rosas, samambaias, lírios e ramagens
Swart	2003	Ubajara	Holambra, São Paulo	–	–	7	Rosas

Fonte: Informações obtidas em trabalhos de campo na Ibiapaba, realizados em dezembro de 2014.  
 Elaboração: Leandro Cavalcante e Kassia Costa (2016).

### Considerações finais

Dentre os principais resultados desta investigação, destacamos especialmente os expressivos incentivos fiscais e infraestrutura por parte do Governo do Estado do Ceará, para que as empresas do setor se instalassem na região, demonstrando a grande capacidade na qual tem o capital em fazer com que o Estado instale infraestruturas e conceda incentivos que lhe beneficie diretamente. A instalação dessas empresas também provocou mudanças na economia local, que antes era voltada para o setor hortifrutigranjeiro, em pequenas propriedades, tanto para consumo próprio, quanto para o comércio da região da Ibiapaba. Além disso, destacamos ainda a mudança na estrutura fundiária da região, o aumento do preço da terra, a existência de conflitos sobretudo por água, a ampliação de intoxicações advindas com o uso recorrente e intensivo de agrotóxicos, dentre outros impactos observados a partir da instalação das empresas do agronegócio de flores na região.

Percebemos também mudanças no mercado de trabalho, já que com a chegada das grandes empresas produtoras de flores na Ibiapaba centenas de pequenos agricultores tornaram-se trabalhadores formais nessas empresas. Com isso, é notável ainda alterações nas relações sociais de produção e no uso do território a partir da atuação dessas empresas, mediante a introdução de uma nova racionalidade e de um novo modo de produção no campo.

Fica evidente, assim, a articulação estabelecida entre o papel do Estado e a atuação do grande capital na concretização de um projeto voltado para viabilizar um uso cada vez mais corporativo do território, segundo evocam Santos e Silveira (2003), agora à serviço das necessidades de reprodução do agronegócio das flores que não tem medido esforços no sentido de ampliar seu poder de alienação territorial e regulação da vida social.

### **Referências bibliográficas**

- AGROPOLOS, Instituto. **Relatório da floricultura**. Fortaleza: AGROPOLOS, 2013.
- AKI, A.; PEROSA, J. M. Aspectos da produção e consumo de flores e plantas ornamentais no Brasil. **Revista Brasileira de Horticultura Ornamental**, Campinas, v. 8, n. 1/2, p. 13-23, 2002.
- COSTA, K. K. S. **Os circuitos espaciais da produção de flores no Planalto da Ibiapaba-CE**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia). Universidade Estadual do Ceará: Fortaleza, 2016.
- DELGADO, G. **Capital financeiro e agricultura no Brasil**. São Paulo: Editora da Unicamp, 1985.
- ELIAS, D. **Globalização e Agricultura: a região de Ribeirão Preto**. São Paulo: Edusp, 2003.
- ELIAS, D. O meio técnico-científico-informacional e a reorganização do espaço agrário nacional. In: MARAFON, C.; RUA, J.; RIBEIRO, M. Â. (Orgs.). **Abordagens teórico-metodológicas em Geografia Agrária**. Rio de Janeiro: EdUERJ, p. 49-66, 2007.
- GOMES, D. D. et al. Aspectos geomorfológicos da bacia hidrográfica do rio Jaibas - CE. **Anais do XVI Simpósio Brasileiro de Sensoriamento Remoto - SBSR, Foz do Iguaçu, 2013**.
- GONÇALVES NETO, W. **Estado e agricultura no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 1997.
- KAHIL, S. P. **Unidade e diversidade do mundo contemporâneo: Holambra, a existência do mundo no lugar**. Tese (Doutorado em Geografia Humana). São Paulo: Universidade de São Paulo, 1997.
- KÄMPF, A. N. A floricultura em números. **Revista Brasileira de Horticultura Ornamental**, Campinas, v. 3, n. 1, p. 1-7, 1997.
- LIRA FILHO, J. et al. **Paisagismo – princípios básicos**. Viçosa: Editora Aprenda Fácil, 2001.

MAZZEO, A. C. **Estado e burguesia no Brasil** - origens da autocracia burguesa. 3ª. ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2015.

NEVES, M. F.; ALVES PINTO, M. J. **Mapeamento e quantificação da cadeia de flores e plantas ornamentais no Brasil**. São Paulo: OCESP, 2015.

OLIVEIRA, A. A.; BRAINER, M. S. **Floricultura**: Perfil da atividade no Nordeste brasileiro. Fortaleza: Banco do Nordeste, 2007.

ROCHA, L. B. **A produção de flores no Estado do Ceará em Baturité, Redenção e São Benedito**. Dissertação (Mestrado em Geografia), Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2006.

SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. **O Brasil**: território e sociedade no início do século XXI. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SEBRAE, Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. **Estudo Setorial floricultura**. Fortaleza: SEBRAE, 2005.

SILVA, E. A. **Competitividade das exportações de plantas vivas e produtos de floricultura do Ceará e do Brasil de 1998 a 2004**. Dissertação (Mestrado em Economia Agrícola). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2006.

SILVA, J. G. **A nova dinâmica da agricultura brasileira**. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1998.

THOMAZ JR, A. Reestruturação produtiva do capital no campo, no século XXI, e os desafios para o trabalho. **Scripta Vetera**, Barcelona, p. 01-17, 2005.